

VOZ DA VERDADE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO

Publica-se uma vez por semana (quinta-feira), na typographia de José Joaquim Lopes, á rua da Trindade n. 2, onde se recebem assignaturas por um anno a 6\$000 reis, pagamento no acto de assignar; quem receber a folha por via do correio pagará mais 500 reis.

Anno I

Desterro—Quinta-feira 17 de Março de 1870.

N. 52

AOS DIGNOS ASSIGNANTES DA VOZ DA VERDADE.

Os sentimentos de gratidão nos impõe o dever de manifestar aos Srs. assignantes deste pequeno órgão da imprensa, nossos cordiaes e sinceros agradecimentos pelo valioso auxilio que generosamente nos prestaram, sem o qual elle se não manteria por espaço de 52 semanas.

Ao publico não somos menos gratos pela acceitação que lhe mereceo.

A Redacção.

TRANSCRIPÇÕES.

A liberdade.

A ignorancia, a paixão, o idiotismo é a escravidão. Quem não tem razão não tem liberdade. Quanto maior fôr a razão, a instrucção, a civilisação, maior será a liberdade. Os seus limites são os da intelligencia e do raciocinio.

Os codigos não podem limitar a liberdade porque ella é divina: a legislação de Deus é superior á do Digesto e á do Código Napoleão.

A liberdade é a lei da gravitação humana: é o trabalho, é a experiencia. Os povos trabalhadores e experientes são os povos livres. Onde houver mais trabalho, onde houver mais experiencia e onde houver mais moralidade, haverá mais liberdade.

A liberdade é o privilegio de quem pensa, de quem trabalha, de quem lê e de quem cumpre os seus deveres.

Na Inglaterra ha liberdade sem igualdade; na França ha igualdade com pouca liberdade, e nos Estados Unidos é escassa a igualdade e ampla a liberdade: ainda são povos atrasados!

Em todas as sociedades os povos ambicionão a liberdade e a fortuna, a honra e a riqueza. Não se alcança a liberdade senão com muita ordem e muita paciencia; não se adquire a fortuna, a riqueza, senão com muito trabalho e muita economia.

O roubo não garante uma propriedade, nem os bens se transmitem aos netos dos ladrões, como diz o proverbio: uma revolução não funda uma liberdade duradoura, porque uma revolução que se apaga é a faisca de uma revolução que se accen-

de! O sangue perde todas as liberdades e deshonra todas as causas.

A liberdade não é só a ordem, mas a verdade, a ponderação, o equilibrio e o interesse de todos.

A liberdade é a negação da força, da violencia e do abuso, é a responsabilidade de cada um por todos e vice versa, é a vitalidade das sociedades, é a emancipação das intelligencias, é a razão desarmando a força.

Ha duas especies de liberdade a legitima e a legal; a legitima é a razão exercida, a legal é a lei votada.

Quem diz liberdade diz exercicio do raciocinio, verdade triumphante, força succumbindo, instrucção augmentando e moralidade crescendo.

A liberdade é immortal. O carrasco, o abuso, o crime e a revolução não podem com ella.

Acabou-se o barão e cutello dos senhores feudaes, o posso, quero e mando dos despostas.

Quem governa as sociedades contemporaneas são os pensadores. A sua corôa, a sua missão não é de sangue. A aurora não é de fogo, o crepusculo não é de lagrimas. Minerva deixou de ser Pallas.

Este generoso e nobre partido conservador, partido do qual é chefe S. Ex. o Sr. visconde de Itaborahy, não é a petrificação da immobildade, nem a divinição do passado.

Um partido que conta publicistas como Firmino e José de Alencar, as duas grandes pennas da imprensa, e que entre os seus parlamentares aponta Paranhos, Alencar, Sayão Lobato, Paulino, Torres Homem, São Lourenço, Cotegipe e Pedreira não é um partido de retrogrados, nem de marcos.

Os conservadores caminão sem voar como os liberaes. *Chi va piano va sano.*

A liberdade merecida é a civilisação, a liberdade conquistada é a revolução.

Eis ali as idéas do partido conservador, daquelles homens eminentes e da obscura redacção do *Dezesseis de Julho.*

M. G. DA S. ROSSI.

Attendão bem os liberaes, da nossa terra terra principalmente, as verdades que encerrão estas linhas.

OS LIBERAES.

O que são os whigs?
Torys sem empregos.
O' CONSEL.

Que espectáculo dá ao publico o liberalismo da *Reforma* todas as manhãs? em que se occupa o jornal do Sr. Octaviano? qual é o seu pavilhão? o das personalidades? o das idéas? que doutrinas ensina ao paiz?

A gazeta de um senador do imperio; de um ex-ministro, deve ser uma cousa grave, séria e circumspecta, como a elevada posição de seu redactor. O grande dignatario do estado deve provar que é um grande dignatario do pensamento, da imprensa.

E' pela imprensa que se conhece um partido. E' pela *Reforma* que vamos julgar os liberaes.

Um jornal sem idéas, é um partido sem aspirações confessaveis, sem opiniões elevadas e sem fé: é o defensor de todos os interesses illegitimos, é um navio sem leme que vai para onde as ondas o arrojjão. Tal é a *Reforma*.

Os liberaes que presumem participar da eternidade e infallibilidade de Deus, que acreditão que elles e sómente elles tudo devem ser neste paiz, não distinguem as idéas como não escolhem os homens.

A prova ali vai: querem a revolução, mas não querem a usurpação; proclamão os golpes do povo, mas combatem os golpes de estado; os povos revolucionarios são os povos livres, e os governos fortes são os governos infamados! As armas nas mãos do povo são razões, nas mãos do governo são attentados; o sangue derramado pelo povo, é luz, é um direito, é a magestade popular que se exerce; em nome do governo, é mais que um crime, é uma selvajaria. O povo póde immolar a razão e o direito perante a força, mas o governo nunca. Ai delle se ousar!

A *Reforma* não ama nem serve o povo: mendiga baixamente os seus louvores sem ter a coragem para advertil-o e reprovar os seus erros. Quando o partido da *Reforma* governa o povo é uma victima, tratão-n'o com ingratição; quando não governa, o povo é uma dama, lisonjeão-n'a, adulão-n'a e perdem-n'a pelo excesso de suas paixões.

O povo que é o mais justo e o mais forte de todos os partidos, que deve ser e que é mais conservador que todos os governos, o que detesta os excessos da es-

cravidão como os da liberdade, o povo, origem de tudo quando ha de grande e de nobre, despreza as vossas adulações como despreza a vossa ingratidão: as primeiras a par da ultima!

A adulação não tem limites; a sua área não é cercada por nenhuma consideração, não é guardada por nenhum poder. Depois de adular o povo adula o throno!

Todas as jaculatorias do liberalismo da *Reforma* dirigem-se ao intrepido e brioso capitão do nosso exercito no Paraguay, a gloria e a esperança do imperio. Querer intrigar o moço general com o nobre duque de Caxias e o nobre Sr. ministro da guerra, com o partido conservador enfim, é uma infamia, é uma miseria!

Sr. Octaviano! mil vezes o silencio que a calumnia, os erros, as injustiças e todas as exagerações da *Reforma*. O silencio é a confissão da nullidade, é a impossibilidade da resposta, mas não é o aviltamento da consciencia, não é o escandaloso! A adulação, Sr. Octaviano! perde os individuos, desgraça os reis, arruina os povos, desmoralisa os caracteres, e da imprensa que deve ser um sacerdotio faz uma corretagem, um mercantilismo. E' o talento, é a causa dos povos nas mãos do crime!

Tinha razão um dos mais illustres chefes do partido a que eu pertenco, intelligencia tão vasta como a de Leibniz, caracter tão immaculado como o de Arisides, o Sr. barão de S. Lourenço, quando me dizia que os libetaes erão mais tribunos que estadistas, e tinham mais exercicio da palavra que da politica. A reflexão é judiciosa e profunda, como o observador. A força, a grandeza e a habilitação de um partido, como de um jornal, está em suas idéas, nos grandes serviços prestados á causa publica e na coherencia e moralidade de seus chefes; proceder de outro modo, é mentir a seu nome porque falta-se á seus deveres.

A *Reforma* sem as cartilhas de Mitre e Elizalde, sobre as questões do Rio da Prata, não é um acervo de banalidades, intrigas, recriminações e parvoices?

Entre a lisonja e a invectiva, nós preferimos advertir, entre o que é funesto e o que é fatal, escolhemos o que é nobre, o que é grande, o que é digno dos conservadores que trabalham para honrar o paiz. Nada queremos conquistar, mas tudo queremos adquirir pela habilidade que provarmos, pela confiança que inspirarmos.

Quem é conservador prova-o e não o diz; quem é liberal alardea sem nunca dar garantias de si.

A *Reforma* não representa um partido, uma associação politica, mas uma justa posição; é uma fileira de recrutas sem disciplina, e onde ninguem obedece porque ninguem manda; é um exercito de generaes indisciplinados sem um soldado, e onde ninguem manda por que ninguem obedece.

E' servindo nobremente o paiz, promovendo os seus interesses, satisfazendo

todas as suas pretensões legitimas, chamando todas as capacidades reconhecidas e altrahindo todos os concursos uteis, que os partidos politicos adquirem titulos á affeição e benemerencia da patria. Nós não pertencemos a escola de Guisol ministro e nem a de Thiers, mas a de Pitt e de Peel. Os applausos e a confiança da corôa valem muito; mas os louvores e a gratidão dos nossos concidadãos valem mais.

Aos povos, como aos reis, não se diz verdades agradaveis, mas verdades uteis; nunca serei Esopo, mas tentarei ser Solon; nunca serei o lisongeiro eu o accusador dos povos e dos reis; mas o servidor de ambos, livre, independente e leal.

Eu sei que o abuso do successo é a historia universal de todos os partidos victoriosos, de todas as causas triumphantes; mas tambem sei que a virtude, para as intelligencias estudiosas, para os espiritos pensadores, não é uma chimera!

M. GONÇALVES DA SILVA ROSSI.

(Do Dezesseis de Julho)

VOZ DA VERDADE.

A morte do ex-dictador do Paraguay.

Muito penalizados devem estar os republicanos de —papo amarello— da nossa terra pela morte do primeiro liberal da America do Sul, como o tem qualificado o *Tribuno* de Pernambuco.

Tenhão paciencia, chorem, lamentem essa tão sentida perda e mandem dizer missas pelos santissimos Padres da companhia de Jesus (bein entendido, dando-lhes grossa esportula) em suffragio á alma desse grande herôe republicano.

Entretanto dir-lhes-emos o seguinte:

Se os republicanos do Brazil estão dispostos á seguir os exemplos desse monstro de iniquidades, malissimamente passarão os povos que cahirem sob o seu dominio!

Tanta barbaridade exercida por um homem que se proclamára EL SURREMO, DEFENSOR DA PATRIA, como praticou Solano Lopez, não se encontra na historia de povo algum. O que se falla dos Calligola e outros de iguaes instinctos, nada val em relação aos feitos horrosos desse tigre do Paraguay.

Solano Lopez, cujo cadaver deve estar hoje servindo de pasto aos vermes, celebrou-se pelos actos do mais requintado canibalismo; elle reduzio o seu paiz á verdadeiro cemiterio!

Se bem o disse, melhor o fez.

Nunca passou pela imaginação desse desgraçado ente que o seu fim estava dependente do menor insulto que ousasse cuspir ao pavilhão brasileiro. Jámais se persuadiu que, armado como se achava, com numeroso exercito e fortificações consideradas inexpugnaveis, um punhado de macacos (como elle chamava os brasileiros) e uns quantos navios, ao principio, de madeira, dessem cabo de tudo, destruindo e derrocando o seu poder collossal, até occupar a sua capital, obrigando-o á re-

fugiar-se com os seus servidores nas matas, e que nem assim escapou á justa vingança dos —macacos—!

Nem elle, nem os seus adoradores de cá, que figuravão-o cada vez mais forte, sempre acompanhado de um corpo respeitavel de tropas, esperaram por tão completo desfecho dessa tragedia, da qual tinha elle proprio assumido o lugar de protagonista.

Quando elle recebeu a primeira derrota da sua esquadilha no Riachuelo, e em seguida em Uruguayana, pela rendição do seu exercito invasor, começou desde logo a prever o seu aniquillamento, embora apparentasse certo desdem a esses insignificantes revezes, e nessa convicção retirou-se do territorio argentino, repassando o Paraná.

A batalha de 24 de Maio, onde perdeu a força do seu exercito, ainda mais o impressionou, a ponto de passar em pessoa ao campo aliado para pedir paz, que lhe foi negada.

O revez soffrido pelas forças alliadas em Curupaity talvez o reanimasse, porém desvaneceu-se esse reanimo, desde que elle soube da chegada do Sr. de Caxias ao exercito, e logo depois a sua marcha de flanco, contornando a sua invencivel Humaitá.

Em fim, o tyrauno concebeu grandes e variados planos, pôs-os em pratica, desenvolveu-os; mas tudo foi vão, chimerico, porque os brasileiros zombaram de tudo, levando o sempre de vencida em todos os recontros, até acabarem-lhe a existencia, e com esta darem a luta desastrosa por finda. Concluiremos estas linhas exclamando:

Viva a Nação Brasileira!
Viva S. M. o Imperador!
Vivão os Defensores da Patria!

Foi-nos enviado por uma distincta brasileira, o seguinte soneto offerecido aos defensores da Patria, que de bom grado damos-lhe publicidade.

Viva a Nação Brasileira!
Viva o Exercito Imperial!
Gloria ao excelso Conde d'Eu!
E ao bravo Cam'ra — Gen'ral!

Soneto acrostico.

OFFERECIDO AOS BRAVOS DEFENSORES DA PATRIA.

Oh! mortal, que com armas valorosas,
Comer fizeste o monstro aventureiro,
Esgotando-lhe o esforço derradeiro
Zas margens do Aquidaban, memorosas;

Escuta as vozes mil, que, sonoras,
Repetidas no Sólo Brasileiro,
V ti, com entusiasmo verdadeiro,
Tivres saúdão, gratas, amorosas.—

Cantores, celebrai tão altos feitos;
Vstrêa, coroa o combatente;
Karte, depõe as armas, satisfeito.

Vmor patrio, exultai, vivo, contente,
Revestido do orgulho mais perfeito:
V guerra terminou honrosamente.

L. A. da S.

Desterro, 14 de Março de 1870.

Regosijo publico.

Os festejos officiaes e populares pela gloriosa conclusão da guerra, pelo facto de ser morto o tyranno que a provocou, duplicarão-se por motivo da chegada dos corpos 23 e 30 de voluntarios da patria, que desembarcarão e forão aquartelar na Praia de Fóra, onde esteve a 1.ª brigada.

Todas as repartições publicas se fecharão por ordem da primeira autoridade da provincia. Em quasi todos os edificios dessas repartições foi hasteada a bandeira nacional, e á noite forão illuminadas as frentes, o que se repetio por mais de tres noites. Muitos particulares os imitarão.

Os foguetes, em quantidade prodigiosa, estrugião no ar como que attestando o prazer e regosijo desta patriótica população.

Actos religiosos, como *Te-Deum*, forão celebrados nas Igrejas da Ordem Terceira e Matriz, em acção de graças por tão satisfactorios motivos, assistindo á todos numeroso concurso de fieis.

Na tarde de 15 reembarcou no transporte *Werneck* o batalhão 23, e hontem o 30, depois de assistir á missa que S. Ex. o Sr. Presidente mandou celebrar.

Ambos os vapores (*Werneck* e *Cuyabá*) partirão hontem para o Rio.

Boa viagem lhes desejamos.

Aqui transcrevemos a eloquente ordem do dia do illustre commandante da 4.ª brigada de infantaria, por occasião de separar-se della o 23.º corpo de voluntarios da patria.

COMMANDO DA 4.ª-BRIGADA DE INFANTARIA

Na villa do Rozario, Republica do Paraguay, 28 de Fevereiro de 1870.

ORDEM DO DIA N. 1.

O coronel commandante da 4.ª brigada de infantaria, cumpre hoje com o grato dever de se despedir de seus bravos camaradas do 23.º corpo de voluntarios da patria, para quem soou a hora de regressar ao Brasil.

Os soldados de uma nação briosa só se retirão do theatro de suas lutas como os do 23.º corpo de voluntarios: cobertos de gloria, deixando a fama de seus feitos, levando em sua bandeira as provas incontestaveis de sua bravura, depois de terem feito triumphar completamente a causa sagrada da sua patria.

Para recompensa de tão nobres cidadãos, nunca serão exaggeradas as manifestações do reconhecimento nacional; e essas que o 23.º corpo de voluntarios vaé receber, por maiores que sejam, só estarão a par dos seus relevantes serviços, pela intenção que as dictará.

A guerra que felizmente está tocando ao seu termo, trouxe um proveitoso ensino ao paiz, e é que apesar de reduzida a força publica e de olhados com indiferença o exercito e armada, ao mais leve insulto feito á nossa honra — o patriotismo produz milagres — crêa batalhões como por encanto, inspira essas phalanges esperançosas, conquista victorias, eleva na consideração universal o nome do Brasil, e firma gloriosa paz muito differente des-

sa cheia de ignominia que o inimigo lhe havia querido impôr.

O 23.º corpo de voluntarios é a prova mais cabal do que ahi vaé dicto: começou a sua organização a 13 de Fevereiro de 1865, fazendo delle parte os patriotas do Rio de Janeiro que primeiro havião acudido ao energico appello do governo imperial ao povo brasileiro no decreto de 7 de Janeiro: menos de um mez depois, á 5 de Março, embarcou para o Rio Grande do Sul o quasi sem perder tempo foi depois de ahi chegado proteger a ameaçada fronteira de S. Borja.

Ainda não tinham decorrido 4 mezes depois de sua creação, já esse corpo de guerrilas sublimes recebia o seu baptismo de sangue, fazendo a estrôa dos voluntarios da patria no campo da honra, no dia 10 de Junho d'aquelle anno.

Durante uma luta de 4 annos tornou-se um batalhão adiantado, entre os de mais nomeada no exercito brasileiro, sem ter muito que invejar aos das mais experimentadas tropas do mundo: — testemulha-o esse arrojo, decisão e ordem, com quem a 12 de Agosto passado accommetteu as trincheiras de Peribebui, plantando ahi a sua bandeira já laureada com a condecoração do Cruzeiro, pelo glorioso feito de 2 de Maio de 1866, e transportando de alegria por tão admiravel procedimento o seu Augusto General em Chefe.

Não foi só nos combates, que os soldados do distincto 23.º corpo de voluntarios da patria, mostrarão ser os defensores de uma causa justa e os representantes de uma nação civilisada; alem de sua bravura, ostentárão outras qualidades apreciaveis do verdadeiro guerreiro, como a constancia nas privações e a humanidade para com os vencidos: na memoria dos povos de Ibitim, de Villa-Rica e de Canguassú, ha de ficar gravado o comportamento generoso e digno do 23.º corpo de voluntarios, quando fez sua providencial passagem por esses lugares, mais como libertador amigo, do que como inimigo triumphante.

O coronel commandante orgulha-se de ter commandado tão valentes, benemeritos e morigerados soldados durante os oito mezes ultimos, e tem verdadeiro sentimento ao separar-se d'elles, embora saiba que os aguarda feliz e tranquillo destino, a que têm direito por tantos titulos.

Volvendo a ser cidadãos, os bravos do 23.º corpo de voluntarios da patria, leyrão ás suas novas relações sociaes o respeito ás leis e o devotamento ás liberdades publicas: aquelles que se distinguirão pela sua subordinação sob as armas e pelo denôdo com que defenderão a causa da patria que tambem era a causa da liberdade, não hão de desmentir o recente e glorioso passado.

Os bravos do 23.º corpo de voluntarios ás recordações de sua vida de campanha, entrelaçarão sem duvida, a lembrança de seus companheiros de 1.ª linha, por quem forão acolhidos como velhos camaradas, e a cujo lado ganhárão os mesmos louros; será extremamente honroso ao coronel commandante e um pequeno linitivo á saudade que breve sentirá — saber sempre que os bravos á quem hoje diz triste o adeus da despedida, não se têm esquecido de seu ultimo commandante de brigada, companheiro de tantas fadigas e perigos e amigo sincero e dedicado.

Viva a nossa Santa Religião!
Viva a Nação Brasileira!
Viva Sua Magestade o Imperador e Sua Augusta Família!
Viva Sua Alteza o Sr. Principe Marechal e Commandante em Chefe!
Viva o exercito e armada Imperial!
Vivão os voluntarios da patria!

Manoel da Cunha Wanderley Lins,

Coronel Commandante.

Barbaridades praticadas no collegio do SS. Salvador.

Informa-nos pessoa fidedigna que os SS. PP. esbofetearão por tal modo o filho do Sr. capitão de fragata Cotrim que lhe ensanguentárão os beiços !!!....

O pai tirou-o logo do collegio e o conduz em sua companhia para o Rio.

Que bellos exemplos de prudencia e paciencia apostolica não dão os RR. PP.!

PUBLICAÇÕES PEDIDAS.

Lê-se na correspondencia particular do Santa Catharina ao *Echo do Sul* de 23 de Fevereiro ultimo:

—Consta-nos que o coronel Magalhães Castro está furioso contra os medicos do hospital militar d'esta cidade, principalmente com os Srs. Drs. Lacerda Coutinho e Argolo.

Ao primeiro elle allude ser o autor da correspondencia que vem publicada no *Diario do Rio de Janeiro*; e ao segundo chega a ponto de ameaçal-o com prisão.

Pensa o Sr. coronel Magalhães que o medico é official de fileira?

Pode por ventura a espada bruta na mão d'aquelle que nem ao menos tem o curso de sua arma supplantar a intelligencia?

Não sabe S. S. que se esses medicos fossem vingativos e se dêssem importancia a estas cousas, já ha muito não tinham, por um accordo geral, pedido um exame de sanidade e julgado S. S. por louco?

Creio que sim.

Portanto, Sr. Coronel, modere seu entusiasmo, vá recebendo caladinho sua gratificação como director do hospital, e comendo seu soldo de coronel reformado.

Desta vez ainda o poupamos, em attenção á respeitavel familia a que está ligado S. S.

Veritas.

Conversação familiar

OU

Dialogo entre A e B.

A. — Boa noite, sr. B; dou-lhe os parabens pela morte do tyranno Lopez o conseqüente fim da guerra.

AVISO.

Roga-se aos Revds. Srs. Vigários das freguezias de Santo Antonio dos Anjos e N. S. da Lapa o favor de não abusarem na cobrança dos respectivos emolumentos ou benesses, sob pena de represen'tação á autoridade competente, etc.

Mais de um prejudicado.

VARIEDADE.

Será serio ?

O peixe cahe no anzol
O homem nasce innocente,
O pobre não vale nada,
Diabeiro ennobrece a gente;
Bacalhau é peixe secco,
Moleque joga peão,
Bacurau canta de noite,
Meirinho faz citação.

E' moda fumar charuto;
Soldado joga pacau,
De feijão se faz tutú,
De gomma se faz mingau;
Macaco se chama mico,
De trapo se faz papel,
De fumo se faz tabaco,
Sómente abelha faz mel.

Semana tem sete dias,
Doze mezes tem o anno,
Sapato se faz de couro,
De palha se faz abano;
Borrocha vem do Pará,
De Minas vem queijo molle,
De peixe se faz moqueca,
Com doudos nunca se bolle.

(Extr.)

B. — Obrigado. Aceite igualmente os meus, por semelhante motivo.

A. — Agradecido. — Custou a extinguir aquelle monstro, eim ?

— E' verdade, mas parece mentira ou sonho.

A. — Felizmente não resta a menor duvida a respeito dessa morte e seus beneficios resultados.

B. — Mas, homem, nós somos christãos, e, como taes, não nos devemos gloriar com o mal do proximo.

A. — Excepto com o de semelhante malvado, a quem se deve a perda de muito capital e vidas preciosas.

B. — Sim, sr.; mas «quando um não quer, dous não brigão»; e se tivéssemos forcejado para evitar a guerra...

A. — Elle continuaria a aggre'dir-nos, não obstante, por todos os modos, como fez mais tarde, até invadir nossas fronteiras desguarnecidas e nossos lares. Lopez era um monstro de pertinacia.

B. — Quem sabe se não partia delle a tenacidade contra nós, ou se não era tanta como dizem ?

A. — Oh! homem!... pois você não viu, no decorrer da guerra, a birra d'aquelle poltrão em querer arruinar nos ?

B. — «O diabo não é tão feio como o pintão.»

A. — E você já viu o diabo ?

B. — E' vme. conheceu o Lopez, de perto ? Esteve com elle ? Estudou-lhe o caracter e as intenções ?...

A. — Não, mas conhece-o quasi todo o mundo como um despota, assassino de sua patria e de muito innocente; ao passo que o diabo é ente imaginario.

B. — Admira servir para tudo e para todos; tanto que se diz: «é bom como o diabo, ruim como o diabo, bonito, feio, alto, baixo, gordo, magro, comprido, curto, como o diabo.»

A. — Mais uma prova de sua fiticiedade.

B. — Bem sei eu o que é fiticiedade.

A. — E' uma palavra que n'este momento inventei, e de que me servi por não lembrar outra melhor e mais adequada.

B. — E a que proposito vem a decoada, quando se não trata de barrella ou de salão ?

A. — Sabe que mais ? Adeos; não estou para atural-o. Vme. está de canção n'agua e eu a servir-lhe de peixe ou de palito, em quanto os meus afazeres estão á espera de mim.

B. — Não se enfade, homem, venha cá, escute...

A. — Que quer ?... FALLE sério.

B. — Você não acha, voltando ao principio de nossa conversação, mais razoavel darmos pezames e não parabens, uns aos outros, pela morte de Lopez ?

A. — E a dar-lhe... Pois manifesto Vme. o seu pezar a quem for amigo de Lopez, que eu não o acompanho.

B. — Neste caso, von só dar os pezames ao D. Jacintho e ao filho.

A. — Se quer apanhar do guarda-sol ou bengala....

B. — Far-lhes hei a vontade *espurgando os* do sangue brasileiro.

A. — Deixe-se de provocar desordens por ninharias, e diga que lhe engano.

B. — Por haver cá muita gente como Vme., é que o Brasil deixa de ser respeitado, como deve, até por aquelles que no seu gremio vem ser alguma cousa.

A. — Faça o que entender, com tanto que depois não se queixe contra mim por não tel-o avisado.

B. — Está bom, por attenção á Vme., não darei taes pezames, porém vou felicitar, á vista dos cujos, um estrangeiro que entre nós tem-se mostrado agradecido á patria de sua esposa e filhos, mostrando verdadeiro interesse pela causa nacional, o Sr. Manoel F. dos Santos Magano.

A. — Faça o que quizer.

B. — Decididamente vou. — Tenho gostado do procedimento desse estrangeiro relativamente á nós outros.

A. — Tambem eu tenho gostado e louvo-o, sem a menor lisonga.

B. — Então, adeos, até a volta.

A. — Até mais ver.

Continúa.

Pedimos

a attenção do Sr. Fiscal da Camara municipal desta cidade para os quintaes das casas ns. 37 e 51 á rua do Brigadeiro Bitancourt.

Alguns municipales.

ANNUNCIO.

MUITA ATENÇÃO!!!

O abaixo assignado, bacharel formado nas «trampolinas», participa aos seus Irmãos... e correligionarios da politica do «venha á nós», que está nadando em prazer por ter encontrado um velho palhaço que lhe ministrou meios de pôr em «apuros» o Impressor da «Voz da Verdade» (titulo este que não pôde pronunciar por ser-lhe antipathico), roga-lhes o especial favor de illuminarem por tres noites a frente das casas de suas residencias, em demonstração de regosiljo por tão assignalado triumpho.

Bugio encrespado.